

Livre não sou, que nem a própria vida
Mo consente.
Mas a minha aguerrida
Teimosia
É quebrar dia a dia
Um grilhão da corrente.

Livre não sou, mas quero a liberdade.
Trago-a dentro de mim como um destino.
E vão lá desdizer o sonho do menino
Que se afogou e flutua
Entre nenúfares de serenidade
Depois de ter a lua!

(Miguel Torga, in 'Cântico do Homem')³

Fontes bibliográficas:

¹ MOTA, Margarida – Salgueiro Maia, o capitão sem medo, morreu há 20 anos. *Expresso* [Em linha]. (2012). [Consult. 24 mar. 2016]. Disponível em: < <http://expresso.sapo.pt/actualidade/salgueiro-maia-o-capitao-sem-medo-morreu-ha-20-anos=f716814> >

² DUARTE, António de Sousa – **Salgueiro Maia: um homem da liberdade**. Porto: Asa, 1995. p. 69 ISBN 972-41-1595-X

³ Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/conquista-miguel-torga>>



Biblioteca Municipal de Ponte de Lima

Largo da Picota
4990-090 Ponte de Lima

Tel: (+351) 258 900 411

Fax: (+351) 258 900 410

E-mail: biblioteca@cm-pontedelima.pt

www.biblioteca.cm-pontedelima.pt/

facebook.com/BibliotecaMunicipalPontedelima



**Biblioteca Municipal
de Ponte de Lima**

**CINEMA
HISTÓRIA**
**Um mês, um facto,
uma personalidade.**



Salgueiro Maia | 1944 - 1992

PARTE I

Salgueiro Maia: o herói incontestável de abril

*“Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado: os Estados sociais, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos! (...)”*¹. O discurso direto, simples e conciso de Salgueiro Maia – porventura o herói maior de entre os capitães de abril – terá bastado como argumento para os 240 homens perfilados na parada madrugadora da Escola Prática de Cavalaria de Santarém que, distribuídos por dez viaturas blindadas, atravessam a porta de armas com destino à capital, marca o relógio as três e meia da manhã. Dali a poucas horas, o país assistirá ao fim quase pacífico de uma ditadura com mais de 40 anos. Para a memória fica o contributo de um homem que mais não quis que restaurar a liberdade.

1944 - Castelo de Vide é a terra berço de Fernando José Salgueiro Maia – nome de batismo do emblemático protagonista da Revolução dos Cravos. Ali nasce a 1 de julho, filho de Francisco da Luz Maia – ferroviário – e de Francisca Silvério Salgueiro, prematuramente falecida. Sujeito a constantes deslocações e mudanças de residência por força da profissão do pai, o percurso escolar de Salgueiro Maia vai-se cumprindo em diferentes cidades e estabelecimentos de ensino. A primária fá-la em Coruche e os estudos secundários completa-os em Tomar e Leiria.



1964 - Ingressa na Academia Militar, em Lisboa, e, em 1966, transfere-se para a Escola Prática de Cavalaria (EPC), em Santarém. Pouco depois, integrado na 9.ª Companhia de Comandos, parte para o cenário da guerra colonial. Moçambique é o destino. Ali desembarca, em dezembro de 1967, para combater ativamente no duro teatro de operações. Apesar das incursões armadas em que participa, vai arranjando tempo para a leitura e para a inevitável análise racional do conflito. Reflete acerca do preconceito racial e da exploração de povos e pondera sobre as desigualdades existentes e a eventual legitimidade ideológica das partes envolvidas. Regressa a Lisboa, doze meses depois, já tenente e retoma funções na Escola Prática de Cavalaria. Vem desiludido com o que presenciou em Moçambique, mas vem sobretudo com uma forte consciencialização social e política.

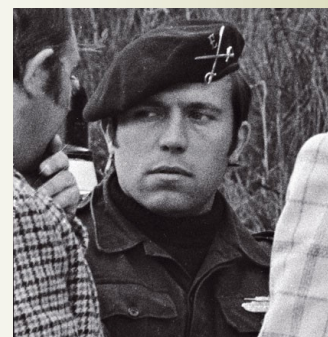


1970 - Conhece Maria Natércia da Silva Santos, jovem professora, com quem casa a 20 de agosto, em Minde. Semanas antes desaparecera a austera figura do regime, António de Oliveira Salazar. Em Março de 1971, Salgueiro Maia é promovido a capitão e, meses depois, embarca no Angra do Heroísmo com mais 150 homens rumo à Guiné. Acentuam-se os sentimentos de revolta e a discordância para com o processo colonial. Com os companheiros desabafa um dia: *“Sempre pus em causa certas coisas nesta guerra, mas acreditei que isto poderia ter um fundo, uma razão*



*de ser, uma percentagem de justiça ou lógica. Agora já não acredito”*². Na viragem para 1973, com a intensificação de patrulhamentos e emboscadas, Salgueiro Maia participa nas primeiras reuniões clandestinas do Movimento das Forças Armadas (MFA). Conhece Otelo Saraiva de Carvalho. Começa a desenhar-se o princípio do fim do império colonial português e do regime ditatorial.

1973 - No continente vários setores da sociedade lutam há muito contra a censura, a desigualdade e os gritantes atropelos às liberdades fundamentais. Paralelamente, Salgueiro Maia, chegado a Lisboa a 3 de outubro, desloca-se, com cada vez mais frequência, a reuniões preparatórias que se vão multiplicando pelo país. O Movimento dos Oficiais das Forças Armadas ganha força crescente. O mesmo sucede com as manifestações de



descontentamento popular. É neste cenário de convulsões sociais que o MFA prossegue o aperfeiçoamento do documento final com as respetivas disposições pragmáticas. E a 17 de abril, convocado à residência de Otelo Saraiva de Carvalho, em Oeiras, Salgueiro Maia recebe a missão operacional da revolução.